



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

Entre memórias, imaginários e novas narrativas: que os evangélicos nos digam o que é ser judeu.

Autoria: Thayane Lúcia Fernandes da Silva (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Dando continuidade às reflexões iniciadas na última RBA em 2018, esta comunicação busca trazer algumas conclusões sobre a recente e intensa aproximação entre pentecostais e a cultura e religião judaica no Brasil. A ressignificação da materialidade e cosmologia judaica em práticas de igrejas pentecostais tem transitado nos últimos anos em todo o Atlântico. Juntamente com a expansão destas igrejas brasileiras para países como Israel, Portugal e Angola, tendo como maior referente a IURD e agora, as inúmeras ?igrejas independentes?. Ao utilizar artefatos como talits - xales de oração judaicos - e quipás, realizar viagens de peregrinação à Terra Santa e celebrar rituais como o Shabbat, pastores e membros das congregações evangélicas parecem reformular o status ontológico da cultura material judaica (SHAPIRO, 2016) e, conseqüentemente, o incorporam de acordo com sua própria lógica cultural. E, por este motivo, se remetem um imaginário e memória religiosa que, muitas vezes, encontra-se descolada dos fatos. A discussão aqui proposta decorre dos resultados obtidos a partir de work de campo realizado durante 15 meses numa igreja pentecostal na periferia da cidade do Recife, Pernambuco, a igreja Ministério Apostólico Bíblico da Graça/ MABG. Fundada em 1999 pela apóstola Conceição Oliveira e seu esposo Heleno Oliveira, a MABG tem incorporado e ressignificado práticas e símbolos judaicos - descritos ou não no Antigo Testamento - ao longo do ano em suas práticas cotidianas. Ao mesmo tempo, as classificações hegemônicas do pentecostalismo brasileiro são colocadas em xeque por serem insuficientes para compreender o conjunto da MABG no campo classificatório. Decorrente deste fato foi elaborada uma nova e preliminar conceituação para compreender o conjunto da MABG: judaico-pentecostalismo. Busca-se então, com base nos resultados da pesquisa, propor reflexões sobre como os fiéis incorporam e recriam significados e narrativas nessa relação entre



pentecostalismo e um judaísmo imaginário. Desse modo, a pergunta norteadora desta comunicação pode ser resumida em: quais os fundamentos, efeitos e possibilidades dessa reinvenção e incorporação da cultura material judaica na MABG ?



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: